

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Vantagem na largada

As primeiras pesquisas sobre a reestruturação do eleitorado para o segundo turno decisivo, daqui a exatos 23 dias, registram o flagrante desfocagem da sociedade ainda absorvendo o contraditório das alegrias e frustrações da rodada classificatória, antes que a poeira assente, e no intervalo de acomodação, véspera da retomada da campanha para a arrancada a toda velocidade de paixão e violência de três semanas de zonzeira.

É, portanto, o eleitor lépido e eufórico ou decepcionado, movimentando-se no passo tardo da ressaca, sabendo seu lugar ou caçando rumo.

Os índices inaugurais são importantes na medida em que indicam as vantagens e desvantagens da partida dos dois finalistas, mas devem ser analisados com reservas cautelosas até que a campanha encontre seu ponto de ebulição e o eleitor dispare, consolidando as tendências apenas esboçadas nos números de agora.

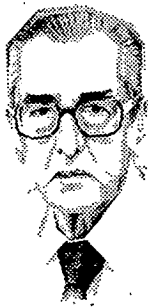
Com tais prudências, vale a pena refletir sobre os números, na ânsia de decifrar o que antecipam. Certamente que uma evidência salta à vista ao simples passar de olhos sobre os 50% das inclinações de voto de Collor e os 38% de Lula. O que significa, na obviedade da constatação instantânea, que Collor agregou 21,48% aos 28,52% da classificação em primeiro lugar no primeiro turno, enquanto Lula cresceu 21,92%, o que representa 7,47% menos do que a soma dos seus 16,08% no primeiro turno com os titubeantes 15,45% do seu possível aliado, apesar das negações e exigências estapafúrdias, Leonel Brizola. Sem falar nos sumidos percentuais de outros parceiros, como Roberto Freire, Ulysses ou um naco do PMDB e Mário Covas ou uma fatia do PSDB.

O que tais números dizem? Pouco, além da curiosidade de instigar a especulação.

E é por tal caminho que se verifica que a vantagem de Collor na largada comporta suas variações. Os 50% a seco equilibram-se no fio da maioria absoluta — que não é exigida expressamente no segundo turno porque impositiva, com a decisão entre dois classificados. Ocorre que índice acima de maioria absoluta assegura a eleição, quaisquer que sejam as oscilações dos indecisos e dos que sinalizam a reação de raiva, inútil no protesto marginalizante do voto em branco ou nulo.

Jogando com os índices das disposições de voto em branco, nulo e a coluna dos indecisos, a especulação enveredará para outros rumos mais instigantes. Ainda é o óbvio, mas vamos a eles. O Ibope encontrou 7% em cima do muro hamletiano e 5% inclinados a anular o voto ou não traçar a cruzinha na cédula. São, pois, 12%. Subtraídos do universo de 100%, encurtam o eleitorado para 88%. A maioria absoluta baixa para um voto além de 44%.

No caso, os 12% que separam Collor de Lula na linha de largada de an-



teontem, quando a pesquisa foi fechada, jogam o primeiro classificado 6% acima da maioria absoluta e o petista 6% aquém.

As conclusões do exercício especulativo não são profundas: boiam à flor das águas paradas do breve remanso a ser sacudido pela agitação frenética que se anuncia para começos da próxima semana. Se Lula conseguir penetrar no espaço cativo de Collor, bastará que tranfira 6% das intenções de voto para empatar a parada e decidi-la no embalo da chegada. Catando votinhos no balcão do índice dos em branco, nulos e indecisos, precisará atrair todos os 12% para igualar-se a Collor.

Adverta-se que pesquisa apura índices de indecisos — que não aparecem nos mapas de apuração — e ignora abstenções, por definição imprevisíveis, dependentes das circunstâncias do dia da eleição: facilidade de transporte, condições do tempo, maior ou menor interesse.

Em princípio, a abstenção distribui-se proporcionalmente pelos candidatos. Na verdade, sempre termina por beneficiar um e prejudicar outro, como na disputa entre Lula e Brizola pela classificação no primeiro turno.

Por enquanto, creio que é tudo. As projeções sobre índices nacionais dispensam a minúcia do exame das diferenças regionais. Perda de tempo: o eleitorado está se ajustando à novidade do segundo turno, tomando conhecimento dele, das suas características e peculiaridades. Não entrou no clima da campanha; relaxa na pausa da travessia.

Está um pouco tonto, perdido na barafunda das hesitações dos partidos e nos avanços e recuos das lideranças. Não conseguiu separar o que está confuso: as siglas derrotadas não conseguem definir-se, enredadas pelos conflitos estaduais que embarçam tomada de posição consensual.

Pelo seu comportamento no primeiro turno, desconfia-se que o eleitor está pouco se lixando para dúvidas de siglas e personagens que perderam toda a significação ante a realidade do eleitorado de 82 milhões andando com suas pernas e escolhendo o rumo pelas avaliações de sua cuca. Também não é bem assim. O engajamento de Brizola na campanha de Lula, subindo no palanque e soltando o verbo no microfone, deve alterar, em alguma medida, o desencanto do seu eleitorado em estado de choque. No Rio e no Rio Grande do Sul. Quanto ao mais, espalhado pelo país, é preciso esperar para conferir.

A campanha tem tudo para ser decidida, em alta rotação, na onda passional de três semanas, fervendo nos 17 dias de rede nacional de rádio e TV — de terça-feira, 28 a 14 de dezembro — pela comparação do desempenho pessoal de Collor e Lula. Com o adendo provável, mas não certo, de debates por iniciativa das empresas de rádio e TV. E que dependem de acertos entre candidatos e assessores e da avaliação de suas conveniências e desvantagens.

Até lá, o jeito é virar índices pelo avesso e chocar expectativa. A campanha vem aí para impor sua verdade.